# Introdução à intencionalidade em Searle[i] - 27/04/2020

Na sua teoria da mente, como já vimos nesse espaço, Searle nega tanto dualismo  
como monismo alegando a influência cartesiana anacrônica em ambas as visões e  
propondo uma abordagem que trate a consciência, ao mesmo tempo irredutível,  
como fenômeno biológico natural. Entretanto esse fenômeno se naturaliza pelo  
fisicalismo reduzindo o mental a processos físicos, depreciando o estudo da  
consciência e não levando em conta o aspecto subjetivo.  
  
Nesse sentido, há uma profunda divergência entre Searle e Dennett no  
tratamento da mente conforme o “senso comum”, pois “para Dennett há uma  
extravagância metafísica na ontologia subjetiva de Searle”. Dennett trabalha  
com a visão objetiva de ciência na qual o tratamento da consciência não se  
enquadra, pois não permite verificação “de terceiros”.  
  
Por seu lado, para Searle a mente é um objeto existente e deve ser investigada  
cientificamente, pois que pessoas sintam dores, por exemplo, é um fato  
objetivo, embora ontologicamente subjetivo e deveríamos buscar uma explicação  
neurobiológica da causação dos estados conscientes pelos processos cerebrais.  
  
Em Searle opera papel fundamental a \*\*intencionalidade\*\* , produto biológico  
evolutivo, que faz com que nos conectemos com o mundo através de estados  
intencionais com certas caraterísticas: veracidade (o objeto deve existir),  
direção (mente-mundo; mundo-mente), um determinado conteúdo e o modo  
psicológico: uma crença, desejo, etc.  
  
Duas são as formas biológicas mais básicas de intencionalidade: o ato  
perceptivo, que traz consigo um “background” de significados com que nos  
relacionamos com os objetos e a ação intencional, que é a condição de  
satisfação de uma intenção, seja uma intenção prévia e as não-intencionais,  
porém com intenção em ação e que até possa resultar em acidentes.  
  
Tanto na percepção, como na ação, há uma relação causal não como lei  
universal, mas relação lógica de causação intencional onde o conteúdo  
intencional é satisfeito. Além disso, não há teoria da intencionalidade sem o  
background de crenças, desejos e demais estados psicológicos, ou seja,  
“conjunto de capacidades mentais não-representacionais que permite a  
ocorrência de toda representação”. Portanto, o background é o elo de nossa  
parte subjetiva com os fatores externos de estímulo.  
  
Embora a posição de Searle possa equivaler a um realismo ingênuo, acredita-se  
que a neurociência abrirá caminhos para o estudo dos aspectos empíricos da  
consciência e não haveria contradição entre uma abordagem de senso comum e a  
ciência. Para Searle, vencer o vocabulário tradicional é pode tratar da mente  
e não separá-la. É tratar cérebro e mente como duas coisas distintas, porém  
físicas.  
  
   
  
\* \* \*  
  
   
  
[i] Fichamento de “Subjetividade e intencionalidade: Searle crítico de  
Dennett”, acessado no endereço:  
<https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/pauloejonas.pdf>,  
em 24/04/2020.